

# A COMUNHÃO DAS SOCIEDADES METODISTAS: UMA RESPOSTA À ATOMIZAÇÃO DA FÉ CRISTÃ

---

Isaac Malheiros<sup>1</sup>

David Boechat<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo procura avaliar uma manifestação histórica proeminente dos atributos coletivistas e comunitários inerentes à fé cristã, nomeadamente, o envolvimento metodista com pequenos grupos, supervisionado por John Wesley, e seus efeitos na comunidade religiosa. A investigação é feita por meio de uma revisão de literatura, e inicia-se com uma apresentação concisa da gênese histórica das sociedades metodistas e das reuniões de classe. As deliberações subsequentes centrar-se-ão na dedicação ao cuidado mútuo dentro de pequenos grupos e nos esforços contemporâneos que visam o renascimento deste legado metodista. Através desta pesquisa é possível concluir que o modelo metodista pode ser uma resposta adequada às tendências contemporâneas de atomização da fé e individualismo na experiência religiosa.

**Palavras-chave:** Sociedades metodistas; Reuniões de classe; Pequenos grupos; História do cristianismo.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 25/03/2023

Approved: 01/07/2023

**Como citar:** MALHEIROS, I.; BOECHAT, D. A comunhão das sociedades metodistas: uma resposta à atomização da fé cristã. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1604, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1604>

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (Tradições e Escrituras Sagradas) pela Escola Superior de Teologia (EST - São Leopoldo, Rio Grande do Sul, (Brasil). E-mail: [pr\\_isaac@yahoo.com](mailto:pr_isaac@yahoo.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-9883-2638>

<sup>2</sup> Bacharelado em Direito pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: [davibpac@gmail.com](mailto:davibpac@gmail.com) Orcid id: <https://orcid.org/0009-0003-2976-3984>



# LA COMUNIÓN DE LAS SOCIEDADES METODISTAS: UNA RESPUESTA A LA ATOMIZACIÓN DE LA FE CRISTIANA

## Resumen

Este artículo pretende evaluar una destacada manifestación histórica de los atributos colectivistas y comunitarios inherentes a la fe cristiana, a saber, la participación metodista en pequeños grupos, supervisada por John Wesley, y sus efectos en la comunidad religiosa. La investigación se lleva a cabo mediante una revisión bibliográfica, y comienza con una presentación concisa de la génesis histórica de las sociedades metodistas y las reuniones de clase. Las deliberaciones posteriores se centrarán en la dedicación al cuidado mutuo dentro de los pequeños grupos y en los esfuerzos contemporáneos encaminados a la revitalización de este legado metodista. A través de esta investigación es posible concluir que el modelo metodista puede ser una respuesta adecuada a las tendencias contemporáneas de atomización de la fe e individualismo en la experiencia religiosa.

**Palabras clave:** Sociedades metodistas; Reuniones de clase; Pequeños grupos; Historia del cristianismo.

# THE COMMUNION OF METHODIST SOCIETIES: A RESPONSE TO THE ATOMIZATION OF THE CHRISTIAN FAITH

## Abstract

This article seeks to evaluate a prominent historical manifestation of the collectivist and communal attributes inherent to the Christian faith, namely, the Methodist involvement with small groups, supervised by John Wesley, and its effects on the religious community. The investigation is carried out through a literature review and begins with a concise presentation of the historical genesis of Methodist societies and class meetings. Subsequent deliberations will focus on dedication to mutual care within small groups and contemporary efforts aimed at reviving this Methodist legacy. Through this research it is possible to conclude that the Methodist model can be an adequate response to contemporary trends towards the atomization of faith and individualism in religious experience.

**Keywords:** Methodist societies; Class meetings; Small groups; History of Christianity.



Alguns autores veem como característica da Pós-modernidade, dentre outras, a erosão da religião institucional e a ascensão de uma ideologia individualista. Enquanto a razão foi o vetor organizador e legitimador do homem moderno, a sociedade pós-moderna, movida por um espírito niilista, busca sentido e espiritualidade através do hedonismo, do consumismo, da permissividade e da relatividade (GIOVANETTI, 2004, p. 143).

Neste contexto, o fenômeno religioso torna-se atomizado, privatizado, centrado no indivíduo, girando em torno de seus desejos e suas verdades. A “individualização galopante” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, p. 53), que valoriza o indivíduo acima da autoridade tradicional, coloca o bem-estar individual como prioridade, marcando o egocentrismo da sociedade contemporânea (GIOVANETTI, 2001). Nesse cenário, parece se confirmar a hipótese de Dumont (1985; 2000), que vê na religião cristã a origem e a evolução do individualismo na sociedade ocidental. A religião evangélica passa por uma transformação, perdendo seu caráter comunitário e tornando-se um componente assimilado pelo indivíduo hipermoderno, fenômeno bem evidente nas igrejas associadas com a Teologia da Prosperidade.

Contudo, há uma inegável dimensão coletiva e comunitária na fé cristã. Isso pode ser facilmente verificado tanto na eclesiologia do Novo Testamento quanto na história do cristianismo. O próprio conceito de *igreja* é coletivo (do vocábulo grego, *ekklesia*). Além disso, é um erro ver o fenômeno religioso como um bloco uniforme, ignorando o fato de que constantemente surgem novas formas de espiritualidades nos grandes centros. É essencial evitar a falácia de generalizar de uma parte para o todo. Inúmeras experiências cristãs mantiveram – e ainda mantêm - práticas comunitárias distintas do individualismo hipermoderno. Além disso, é importante reconhecer que a religião não pode ser definida apenas pelo seu caráter institucional. Como alertou Rubem Alves (2007, p. 160): “Descrever a experiência religiosa tomando suas cristalizações institucionais e dogmáticas como ponto de referência é o mesmo que tentar compreender a vida através do cadáver”.

Este artigo propõe a avaliar uma das mais conhecidas e importantes manifestações históricas do caráter coletivista e comunitário da fé cristã: a experiência metodista dos pequenos grupos, sob a liderança de John Wesley. A pesquisa se inicia com uma breve exposição da origem histórica das sociedades e das reuniões de classe metodistas. Posteriormente, serão feitas reflexões a respeito do compromisso de cuidado mútuo nos



pequenos grupos e das iniciativas contemporâneas (batistas e adventistas) de resgate dessa herança metodista.

### **SURGIMENTO E CARACTERÍSTICAS DAS SOCIEDADES E CLASSES METODISTAS**

Inspirado nos moravianos, surgiram as sociedades metodistas no século XVIII. As sociedades religiosas são anteriores ao próprio Metodismo, e foram uma resposta cristã ao vício e à incredulidade prevalentes à época. Apesar de serem congregações locais, as reuniões das sociedades religiosas não tinham um caráter disruptivo com relação à igreja paroquial. Assim, o movimento metodista surge como sociedade religiosa dentro de um contexto eclesial maior (no caso, o anglicanismo), seguindo o princípio *ecclesiola in ecclesia* (o conceito de uma "igreja em miniatura dentro de uma igreja maior" ou de uma pequena comunidade eclesial inserida na estrutura mais ampla da igreja). Embora Wesley não tenha inventado as sociedades religiosas na Inglaterra, ele remodelou e redefiniu o seu propósito. À medida que crescia o movimento metodista, novas formas de cuidado pastoral tornavam-se necessárias.

As sociedades maiores foram subdivididas em classes menores – pequenos grupos liderados cada um por um líder designado que se reunia regularmente com os membros para prestar cuidados pastorais e apoiar. Funções de liderança espiritual até então atribuídas a um ministro ordenado da Igreja Anglicana passaram a leigos, responsáveis pelo cuidado desses pequenos grupos de pessoas. A sociedade metodista de Wesley evoluiu, assim, para a chamada “reunião de classes”.

Na forma de reunião de classes, os pequenos grupos metodistas deveriam seguir o princípio *ecclesiola in ecclesia*, e, nas reuniões, cada um deveria falar sobre o verdadeiro estado de seu coração. A frequência a essas reuniões por alguns meses era exigida antes da pessoa ser admitida (WATSON, 1987, p. 81).

As reuniões de classe ofereceram aos membros das sociedades metodistas a oportunidade de vida comunitária partilhada e corresponsável. Estes pequenos grupos se envolviam em atividades como oração, cântico de hinos, confissão mútua, partilha de experiências cristãs e recepção de aconselhamento espiritual, tudo facilitado por uma liderança local forte e confiável (MATTOS, 2003, p. 150).



Para além da frequência aos cultos em suas igrejas, os membros delas deveriam prezar pela responsabilidade coletiva na busca por santidade. O objetivo de John Wesley (1703-1791), mentor do movimento, era “chamar uns aos outros para prestar contas em sua prática real dos ensinamentos espirituais e morais do cristianismo” (ODEN, 2021, p. 47). Zelando pela vida uns dos outros, cresceriam em boas obras.

Thomas C. Oden (2021, p. 50), teólogo metodista norte-americano, nota que é possível encontrar similaridades entre as sociedades e classes metodistas e abordagens contemporâneas de terapia de grupo usadas em movimentos como os Alcoólatras Anônimos: “A diferença é que essas formas não começam oração e não exigem que os participantes fiquem diante de Deus e falem a verdadeiro estado de suas almas”.

O ingresso nos grupos era livre, mas exigia compromisso. Através de *The Rules of the Band-Societies*, elaborado por Wesley em 1738, foram estabelecidos critérios para entrada e permanência. Era esperado dos que desejavam se engajar nos grupos assiduidade e pontualidade às reuniões, que deveriam acontecer ao menos uma vez por semana com os respectivos líderes. Wesley logo percebeu o papel pastoral destas reuniões e assim nasceu a reunião de classe metodista, que se tornou a coluna do movimento metodista (WATSON, 1987, p. 93-94).

Os encontros, centrados na adoração, utilizavam música e oração. Característica notável eram as confissões de pecados, onde os membros expunham suas lutas espirituais: “Aqueles que não estavam interessados em confessar seus pecados foram solicitados a reconsiderar o início, uma vez que esse era o cerne do propósito dos pequenos grupos voluntários” (ODEN, 2021, p. 51). O nível de franqueza e sinceridade dessas confissões era notável:

Visto que o assunto era o arrependimento que leva à fé na graça, o ponto de inicial de cada conversa foi a revelação sincera de tentações e confissões recentes (durante a semana anterior) dentro de uma comunidade afetuosa. Isso significa que os participantes revelam livre e pessoalmente a confissão de suas almas durante a semana anterior. Eles não deveriam apenas lidar com os sentimentos, mas confessar o que estavam pensando, falando e fazendo de qualquer maneira que percebessem ser inconsistente com a vontade de Deus. Ao remover os obstáculos, eles aprenderam juntos a ouvir a vontade de Deus para suas vidas (ODEN, 2021, p. 51).

O impacto da participação das sociedades e classes metodistas como ferramenta importante para o desenvolvimento da fé de cristãos recém-convertidos foi destacado por



William Henry Fitchett (2009), pastor e ministro metodista. Para ele, esses grupos serviam para assistir aos que chegavam à fé em suas necessidades:

Cada novo convertido trazido à reunião de classe achou-se membro de um grupo ligado por grandes emoções possuídas em comum: tristeza pelo pecado, gozo do perdão, a consciência de uma nova vida, uma solicitude comum pela salvação de outros, uma aspiração comum pelas altas posses da experiência cristã. Ele recebia da sociedade a inspiração, e achava nela as salvaguardas de camaradagem. O abrigo que estas sociedades lhe deram era de valor indizível. A simples frieza do mundo secular teria matado a vida espiritual novamente nascida nas multidões. O encanto de camaradagens anteriores teria se manifestado. Mas nas novas camaradagens nas quais os conversos foram trazidos achava-se uma energia contra-balançante.

Wesley via as sociedades e classes como um meio de seus adeptos seguirem a fé com integridade. Em uma carta destinada a uma jovem em 25 de julho de 1771, ele ressalta a importância da sociedade como ambiente contracultural.

Espero que você tenha a satisfação de observar a mesma coisa na maioria daqueles que estão ao seu redor, e de ver o trabalho de Deus prosperar onde quer que você tenha oportunidade de estar. Quando estiver com os seus amigos da sociedade, terá uma necessidade mais imediata de vigiar em oração, do contrário irá insensivelmente absorver a frivolidade de seus espíritos e diminuir um pouco a retidão de seu caminhar. Não, fique firme, andando em todas as situações como Cristo também andou. A moda e os costumes não são nada para você, pois tem um preceito muito mais excelente. Você resolveu ser uma cristã seguidora da Bíblia; e isso, pela graça de Deus, não em alguns, mas em todos os pontos. Continue no nome de Deus e na força de Seu poder. Todavia ponha seus olhos em uma só coisa; fixe em um só ponto; retenha e aumente sua comunhão com Deus! Você não tem nada mais a fazer (WESLEY, 1952, p. 11-12).

O sucesso de Wesley pode ser atribuído a essa prática de formar pequenos grupos de uma dúzia de indivíduos que se reuniam regularmente. Se o grupo crescesse demasiado, dividir-se-ia, e este processo de divisão poderia continuar repetidamente.

### **CUIDADO MÚTUO: “TEORIAS” DO BONDE E DA LAREIRA**

É importante destacar que o envolvimento da membresia no cuidado mútuo não foi uma inovação do metodismo. Há registros que revelam grupos pequenos semelhantes às sociedades e classes metodistas anos antes do nascimento de Wesley. A ausência de ineditismo, não obstante, não tira o mérito do movimento, tão influente na Inglaterra, Escócia e Irlanda do século XVII. Fitchett (2009) acreditava que esse foi um mecanismo fundamental para a restauração da decadência que tem a ver com o fortalecimento da comunhão em um



nível mais familiar. Para isso, ele apresenta duas formas de relação eclesial, que chama de teorias do bonde e lareira:

Há duas teorias possíveis de relação eclesial. Uma pode-se chamar a Teoria de Bonde: Temos um grupo de pessoas que casualmente se assentam lado a lado, por uns poucos minutos, na mesma direção; são impelidas pela mesma força e zeladas pelas mesmas instrumentalidades. Mas são estranhas entre si e não possuem língua comum. Não são ligadas por qualquer elo de parentesco consciente ou articulado. Sociedade (vida comunitária, companheirismo cristão, mutualidade nos cuidados e serviços de uns aos outros), a não ser no sentido mecânico – ou digamos geográfico – não existe entre elas (as pessoas se assentam no bonde ou no ônibus mecanicamente uma ao lado das outras, mas estão assim mecanicamente). Então há o que se pode denominar a Teoria da Lareira ou teoria familiar da Igreja. Temos aqui um círculo de entes humanos entrelaçados por um parentesco consciente e reconhecido. Falam uma língua comum; tem gozos, tristezas e perigos comuns. Empenham-se em ajudar e proteger uns aos outros; o que toca num é sentido por todos (é como uma família e amigos que se reúnem ao redor de uma lareira num dia frio).

O que Fitchett chama de teorias pode ser mais bem compreendido como metáforas simpáticas e muito elucidativas. O modelo de relacionamento que vigora em uma igreja torna um veículo que conduz um grupo de maneira impessoal ou uma chama que aquece a todos os que estão ao seu redor intencionalmente. É possível ir à igreja e viver de forma inadequada a experiência cristã. Nesse sentido, as sociedades e classes metodistas nos revelam uma alternativa de comunhão. Como numa circunferência teocêntrica, quanto mais próximos de Deus as pessoas estão, mais próximas ficam umas das outras; e quanto mais próximas elas estão umas das outras, mais próximas eles estão de Deus (BONDI, 1987, p. 25).

As classes de Wesley alcançaram uma parte significativa do seu sucesso devido a um sistema de liderança bem organizado, guiado por princípios fundamentais e por uma visão de cuidado pastoral. Esses princípios incluíam a *nomeação* de líderes confiáveis, incluindo mulheres, e a seleção de líderes baseada no caráter moral, espiritual e no bom senso (COMISKEY, 1997, p. 54). A liderança era plural, envolvendo mais de um líder para compartilhar orientação espiritual (YOUNG, 1989, p. 113). Os grupos só eram iniciados quando havia liderança suficiente disponível para garantir um crescimento sustentado (HUNTER, 1987, p. 119). Os líderes de classe funcionavam como pastores, enfatizando a supervisão espiritual íntima e pessoal (SNYDER, 1980, p. 58). Além disso, a liderança da classe reunia-se semanalmente com a liderança da sociedade metodista para reportar, receber conselhos e instruções (WATSON, 1986, p. 38).



A reunião de classe, que normalmente durava uma hora, girava em torno da atividade informal de “relatar a sua alma” (SNYDER, 1980, p. 55). Em geral, começava com uma música de abertura, seguida pelo líder compartilhando uma experiência religiosa pessoal. Em seguida, o líder perguntava sobre o estado espiritual dos membros do grupo, e cada deles prestava testemunho sobre a sua condição espiritual. O foco era compartilhar experiências pessoais da semana passada (MALLISON, 1989, p. 127-128). A reunião era encerrada com oração e uma arrecadação para apoiar o ministério. Este encontro semanal era uma subdivisão da sociedade metodista, onde os membros eram obrigados a prestar contas do seu discipulado, promovendo o apoio mútuo no seu testemunho (WATSON, 1986, p. 13). Cada sociedade metodista foi construída sobre a reunião de classe e esperava-se a participação ativa de cada membro.

Além de ser grupos de comunhão, as reuniões de classe tinham o objetivo de disciplinar os participantes (SNYDER, 1980, p. 38). As estruturas de responsabilização nas reuniões de classe permitiam o acompanhamento da condição de cada membro, com relatórios regulares dos grupos. A adesão à sociedade metodista exigia a participação ativa nas classes, e cada metodista pertencia a uma classe (YOUNG, 1989, p. 113; HUNTER, 1996, p. 85).

Apesar desse objetivo disciplinador, os grupos também desempenharam um papel evangelístico, com conversões ocorrendo durante as reuniões, e os membros faltosos encontrando renovação em seu compromisso com Cristo. Wesley priorizou o discipulado em vez da mera tomada de decisões, acreditando que o compromisso de uma pessoa com Cristo era validado através do envolvimento num pequeno grupo (HUNTER, 1987, p. 58; YOUNG, 1989, p. 113).

### **AS SOCIEDADES E CLASSES METODISTAS E AS IGREJAS DOMÉSTICAS DA ERA APOSTÓLICA**

Wesley pretendia formar uma *comunidade* cristã, e, para conseguir isso, ele mergulhou no livro de Atos e no modelo de igreja do Novo Testamento. Hunter (1996, p. 84) esclarece que Wesley acreditava que ao reunir as pessoas em pequenos grupos para inspirar e apoiar umas às outras na sua vida cristã diária, a essência contagiante e poderosa da igreja apostólica poderia ser reavivada na história humana mais uma vez.



Contudo, nesse ponto, é importante destacar que o princípio de igreja doméstica comum ao cristianismo primitivo distingue-se expressivamente da proposta das sociedades e classes metodistas. As sociedades eram segmentadas ao grupo de adeptos, já conversos. Eles combinavam a participação nesses grupos com a frequência aos cultos de suas igrejas. Tinham nessas reuniões menores mais oportunidade de construir laços mais próximos, garantidos por um pacto comum que os vinculava. Esse espaço de partilha de experiências não visava substituir o culto público e aberto.

Os cristãos apostólicos, por sua vez, sequer poderiam usar a expressão “igreja” como significado para prédio por pelo menos um século e meio. Era nas casas de membros que eles exerciam a parte comunitária da fé, normalmente em grupos reduzidos de algumas dezenas de pessoas (MEEKS, 1983, p. 75-77). Durante as primeiras décadas, muitos combinavam a frequência em reuniões cristãs, onde acontecia a Santa Ceia, com os rituais judaicos realizados no templo e nas sinagogas. Demorou um pouco até que a situação com os judeus se acirrasse a ponto de que casas se tornassem, de fato, o local de culto cristão. A situação econômica também era desfavorável à construção de edificações, que passaram a ser comuns só no quarto século:

Após o rompimento com a sinagoga e a transformação das igrejas-do-lar nos únicos locais de reunião, uma nova mudança começou a ocorrer: muitos dos lares que hospedavam as igrejas deixaram de ser lares propriamente ditos e se transformaram em locais exclusivos de reunião. E isso aconteceu possivelmente quando os crentes que já hospedavam igrejas em suas casas passaram a entregá-las para que, com algumas adaptações, fossem usadas pela igreja unicamente para fins religiosos (PAROSCHI, 2009, p. 343-369).

Podem ser estabelecidos vínculos comuns entre as igrejas primitivas e as sociedades e classes metodistas. A proximidade que os membros poderiam desenvolver em qualquer um desses modelos é, certamente, maior que a realizável em uma grande igreja. Ao mesmo tempo, é necessário observar as grandes distinções. Enquanto a igreja domiciliar refletia a realidade de uma fé em crescimento, as sociedades e classes metodistas eram resultado de um esforço por um cristianismo mais comprometido em uma época de crise espiritual generalizada.



## SOCIEDADES E CLASSES METODISTAS E OS PEQUENOS GRUPOS ATUAIS

Comparações com movimentos protestantes que visam ajuda mútua espiritual ajudam a vislumbrar o caráter distintivo das sociedades e classes metodistas. Na atualidade, batistas brasileiros e adventistas do sétimo dia, por exemplo, investem no modelo de pequenos grupos como parte de suas ações missionárias.

Promovido pela Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, o projeto Multiplique oferece uma ampla variedade de recursos para integração de igrejas para fins de evangelização. Parte da iniciativa é o Pequeno Grupo Multiplicador, que se reúne regularmente para “glorificar a Deus e cumprir a missão de fazer discípulos” (MULTIPLIQUE, s.d.). A obra *Pequeno Grupo Multiplicador* (TUNALA, 2014) destaca o aspecto missionário dos pequenos grupos.

Algo semelhante acontece no movimento de Pequenos Grupos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que também são vistos como uma ferramenta para fomento missionário. Essas iniciativas começaram na década de 1970, sob liderança do departamento de Jovens da Divisão Sul-Americana (DSA), que promoveu as reuniões, então denominadas como *Koinonia*, expressão grega que pode ser traduzida como “comunhão”. Em 1980, o estado de São Paulo conheceu os Grupos Familiares (MOURA, 2019). E a configuração atual veio logo após, a partir do estado de São Paulo e, depois, no Nordeste. Hoje, os Pequenos Grupos são um padrão para todos os países que integram a DSA:

Para o atual contexto, portanto, pequenos grupos podem ser definidos como um sistema desenvolvido dentro de um processo organizado intencionalmente para o crescimento espiritual, com multiplicação e conservação de seus membros. Seu objetivo missional envolve os aspectos espiritual e social, profético e escatológico. Seus diversos ministérios desenvolvem-se a partir de reuniões interativas, em grupos pequenos, *compostos por membros da comunidade de fé, seus familiares, amigos e convidados*. Seus encontros acontecem em dia, local e horário regulares, em comunhão, através do louvor, oração, testemunho e estudo da Palavra (MOURA, 2010, p. 83-93).

Godinho (2016, p. 2) chama a atenção para as vantagens trazidas pelos pequenos grupos: (1) o crescimento da igreja, (2) fortalecimento orgânico da espiritualidade, (3) preparo de líderes, (4) discípulos maduros e reprodutivos, (5) aumentam o conhecimento da Bíblia e o (5) atendimento das necessidades individuais. Assim, o “pequeno grupo é o lugar em que os



membros se edificam mutuamente e se organizam para alcançar a comunidade” (GODINHO, 2016, p. 2).

Conforme visto acima, adventistas e batistas visam o aperfeiçoamento cristão em seus pequenos grupos. Não obstante, há de se considerar o caráter mais inclusivo de suas iniciativas. Enquanto os pequenos grupos e multiplicadores têm em vista o crescimento da igreja, vendo o fortalecimento cristão como parte do processo, as sociedades e classes metodistas enxergam o fortalecimento comum como um ponto central.

A herança metodista das reuniões de classe cria um estilo de vida de ajuda mútua e zelo uns pelos outros com amor. Trata-se de um conjunto de disciplinas espirituais que fornece estrutura e direção para o crescimento na santidade (THOMPSON, 1995, p. 138).

O metodismo manteve uma ênfase mais centrípeta, limitando-se a um público endógeno. Elas pressupõem a conversão como critério de participação, são engajadas no discipulado e com ênfase em santificação. Os movimentos contemporâneos batistas e adventistas são abertos à comunidade, enxergando-se de forma evangelística e missionária.

A sensação de não fazer parte de nada substancial reflete o que Bauman (1998) chamou de “sociedade líquida”, indicando uma fragilidade nas conexões humanas. Nesse contexto, o ministério contemporâneo de pequenos grupos pode ser importante para parte das novas gerações que procura comunidades onde tenham oportunidades de experimentar uma fé genuína. As igrejas que mantêm um sistema de discipulado frequentemente utilizam os pequenos grupos como parte integrante desse sistema (MILLER, 1996, p. 169-170, 180-183).

A eclesiologia bíblica prevê a edificação através do apoio mútuo e da responsabilidade de uns sobre os outros (Ef 4:2-3, 12-16). Pessoas cuja única experiência com a igreja é o culto público uma vez por semana e alguns outros encontros ocasionais nunca serão formadas como discípulos. O pequeno grupo pode ser a comunidade de base na qual homens e mulheres celebram, planejam e agem juntos no cultivo cuidadoso de relacionamentos (ICENOGLE, 1994, p. 23).

O pequeno grupo é um tipo de comunidade que gera uma cultura de prestação de contas sem que as pessoas sejam julgadas por suas deficiências, percebidas ou reais. Essa prestação de contas se manifesta em forma de participação responsável dos membros na obra transformadora da graça de Deus (MADDOX, 1994, p. 212).



Historicamente, fazer parte de uma pequena comunidade cristã significa abraçar a oportunidade de formação pessoal e transformação num ambiente propício para apoiar uns aos outros, onde os encontros face a face envolvem as práticas de confissão e perdão num contexto comunitário (ICENOGLE, 1994, p. 281).

Outro aspecto que merece destaque na experiência metodista é a dimensão social dos efeitos dos pequenos grupos. As antigas reuniões semanais de classe evoluíram para uma plataforma de aconselhamento, admiração, conforto ou exortação, com flexibilidade para se adaptar à ocasião. Ali era incentivada a busca pela santidade, manifestada através de atos de misericórdia e piedade (MATTOS, 2003, p. 152). Esses pequenos grupos não eram elites espirituais isoladas, mas eles se viam como indivíduos comuns dispersos pela sociedade, procurando coletivamente a santidade pessoal e a santidade social (CAMERON, 1954, p. 302-304).

Havia um aspecto social na vida eclesiástica organizada em pequenos grupos. As classes melhoraram significativamente o testemunho social inclusivo e impactante do metodismo inicial na sua busca por uma experiência vivida de santidade no mundo cotidiano (MATTOS, 2003, p. 153). A espiritualidade metodista vivida em pequenos grupos estava enraizada na aplicação prática tanto de obras de piedade (com foco na santidade pessoal e interna) quanto de obras de misericórdia em benefício dos desfavorecidos, encarcerados e doentes (como foco na santidade social e externa).

Mattos (2003) aponta uma descontinuidade nessas características das reuniões de classe a partir do momento em que o metodismo se estabelece institucionalmente como uma denominação na América do Norte. À medida em que a conversão evangélica começou a ser percebida como uma ocorrência repentina e intensamente emocional (por influência dos reavivamentos nos EUA), o processo gradual e disciplinado defendido pelo metodismo inicial em suas reuniões de classe foi perdendo espaço (MATTOS, 2003, p. 156). As reuniões de classe transitaram para um diferente conceito de santidade: olhava agora para o céu e para o mundo após a morte, divergindo da ênfase anterior no crescimento imediato e tangível da santidade social no mundo atual. Essa inversão precisa ser desfeita hoje se os pequenos grupos desejam experimentar o mesmo que as antigas reuniões de classe metodistas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da forma como foram concebidas, as sociedades e classes metodistas são exemplo e desafio para os dias atuais. Ao passo que criaram ambientes propícios para o desenvolvimento de vínculos firmes através de redes de cuidado coletivo, atacam frontalmente o individualismo e atomização da fé. Enquanto os membros são submetidos ao escrutínio um dos outros, o cuidado é estimulado. Como bem colocou Oden (2021, p. 48-49):

Por estarem em uma comunidade empática de amigos que compartilham o mesmo objetivo (obedecer à vontade de Deus), os participantes abrem suas vidas uns para os outros para que possam aconselhar e admoestar uns aos outros sobre como obedecer melhor à vontade de Deus.

O exemplo histórico das sociedades e classes metodistas também pode colaborar como paradigma para as reuniões domésticas da atualidade. Na busca por criar relacionamentos, pode-se criar ambientes despojados e confortáveis. Por mais bem-vindos que esses auxílios à experiência sejam, devem servir à adoração e serviço mútuo, jamais substituí-los.

As experiências compartilhadas através das sociedades e classes servem também como indicativos de necessidades que devem ser supridas. Alertas sobre problemas comuns podem surgir, servindo como direcionamento para o trabalho de ministérios. Ensino e pregação podem trazer reforço positivo aos problemas enfrentados.

Com as sociedades e classes metodistas também aprendemos que as ações da igreja devem ser pensadas em pelo menos dois movimentos: tanto para dentro quanto para fora. Se for voltada apenas para fora, a igreja perde a oportunidade de edificar-se mutuamente. Ao invés disso, o ardor missionário deve ser combinado com a preocupação do avanço daqueles que já creem. O ministério do apóstolo Paulo é um exemplo nesse sentido. À igreja de Roma, ele desejava “compartilhar [...] algum dom espiritual, para fortalecê-los, isto é, para que eu e vocês sejamos *mutuamente encorajados pela fé*” (Rm 1:11-12). Além de desbravar, a comunidade cristã precisa se manter. Não pensar a igreja para dentro, apenas para fora, é ir à colheita com recipientes furados: a colheita certamente se perderá.

Dessa forma, o modelo de sociedades e classes metodistas não deve necessariamente substituir o de pequenos grupos como compreendidos na atualidade. Diferindo em seus conceitos, um é mais propício para promover o evangelismo através da amizade enquanto o



outro é mais eficaz no processo de discipulado e encorajamento cristão. Dar atenção aos da fé e assisti-los em suas dores e provas é uma necessidade crescente, uma vez que a evasão de membros em igrejas é uma realidade dolorosa. Quando o balanço de batismos de novos membros se equipara ao de baixas, e a apostasia acontece pouco tempo após a decisão, a necessidade de reflexão sobre a permanência de membros torna-se urgente.

As sociedades e classes metodistas também nos mostram que pode ser possível ir ao culto congregacional da igreja e viver de forma inadequada a experiência cristã. O papel do culto público, tão subestimado na atualidade, também pode ser isolado e colocado acima das expectativas. Ser parte da igreja exige relacionamentos aprofundados e de cuidado mútuo, além da mera frequência ao culto coletivo. A combinação entre casa e templo pode proporcionar uma vida de igreja completa.

As classes metodistas experimentaram um rápido declínio ao longo do século XIX, desaparecendo quase por completo no início do século XX. Hoje, sem a visão teológico-pastoral coletiva original, os atuais pequenos grupos não podem reivindicar nenhuma relação com as antigas classes metodistas, e representam uma ruptura no modelo. Embora invocando supostamente raízes wesleyanas na sua visão, alguns movimentos contemporâneos de pequenos grupos na verdade podem estar se degenerando numa estratégia que promove e amplifica uma visão individualista, divisiva e sectária de religião.

É útil redescobrir o significado das classes Wesleyanas para atualizar a mensagem de santidade pessoal e social, santidade manifestada através de obras de misericórdia e piedade, semelhantes a Wesley e às antigas classes metodistas. Os projetos de pequenos grupos ganhariam muito se recuperassem o conceito de santidade nos contextos quotidianos, pessoais e sociais, aplicando a corresponsabilidade na prática do discipulado cristão perante Deus, a igreja e a comunidade.

Ao examinar as estruturas de pequenos grupos dentro do antigo Metodismo, podemos discernir o duplo papel que desempenharam, centrando-se tanto no discipulado quanto no evangelismo. Ao olhar para trás, é essencial extrair princípios do passado que irão aumentar a eficácia no ministério futuro.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BONDI, Roberta C. **To Love as God Loves: Conversations with the Early Church**. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

CAMERON, Richard M. **The Rise of Methodism: A Source Book**. New York: Philosophical Library, 1954.

COMISKEY, Joel Thomas. **Cell-Based Ministry as a Positive Factor for Church Growth in Latin America**. Tese (Doutorado em Intercultural Studies). Fuller Theological Seminary, School of World Mission, 1997.

DUMONT, Louis. **Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica**. Bauru: EDUSC, 2000.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FITCHETT, William Henry. As sociedades e as classes metodistas: onde se abrigavam e eram cuidados os novos convertidos. **Igreja Metodista em Vila Isabel**. 30 mar. 2009. Disponível em: <http://tinyurl.com/3zhbb4xn>. Acesso em 08 dez. 2023.

GIOVANETTI, José Paulo. A representação da religião na pós-modernidade. In: PAIVA, Geraldo José; ZANGARI, Wellington (orgs.). **A representação na religião: perspectivas psicológicas**. São Paulo: Loyola, 2004.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e senso religioso: a necessidade e o desejo – Modalidades da época. In: PAIVA, Geraldo José. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, 2001.

GODINHO, Paulo. Apresentação. **Guia de formação de líderes**, 2016. p. 2. Disponível em: <http://ministeriopessoal.org.s3.amazonaws.com/multiplicandoesperanca/2016/RevistaPrototipo.pdf>. Acesso em 22 abr. 2023.

HUNTER III, George G. **To Spread the Power: Church Growth in the Wesleyan Spirit**. Nashville: Abingdon Press, 1987.

HUNTER III, George G. **Church for the Unchurched**. Nashville: Abingdon Press, 1996.

ICENOGLE, Gareth Weldon. **Biblical Foundations for Small Group Ministry: An Integrational Approach**. Downers Grove: InterVarsity, 1994.



LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MADDOX, Randy L. **Responsible Grace: John Wesley's Practical Theology**. Nashville: Abingdon Press, 1994.

MALLISON, John. **Growing Christians in Small Groups**. London: Scripture Union, 1989.

MATTOS, Paulo Ayres. Wesley e os encontros de pequenos grupos: sua aplicação na Igreja Metodista no Brasil. **Revista Caminhando**, vol. 8, n. 2, p. 144-160, 2003.

MEEKS, Wayne A. **The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul**. New Haven: Yale University Press, 1983.

MILLER, Craig Kennet. **Postmoderns: The Beliefs, Hopes & Fears of Young Americans (1965-1981)**. Nashville: Discipleship Resources, 1996.

MOURA, Umberto. A resiliência dos Pequenos Grupos. **Pequenos Grupos: comunhão em torno do Cordeiro**. 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.pequenosgrupos.com.br/a-resiliencia-dos-pequenos-grupos>. Acesso em 10 de dez. 2022.

MOURA, Umberto. Uma fundamentação bíblica para os Pequenos Grupos. **Parousia**, v. 9, n. 1, p. 83-93, 2010.

MULTIPLIQUE. Pequeno Grupo Multiplicador. **Portal Multiplique**, s.d. Disponível em: <https://igrejамultiplicadora.org.br/new/pequeno-grupo-multiplicador>. Acesso em 10 de dez. 2022.

ODEN, Thomas Clark. **Ensinamentos de John Wesley**, vol. 4. São Paulo: Reflexão, 2021.

PAROSCHI, Wilson. Os Pequenos Grupos e a hermenêutica: evidências bíblicas e históricas em perspectiva. In: BRASIL DE SOUZA, Elias (org.). **Teologia e Metodologia da Missão**. Cachoeira: CePLiB, 2009.

SNYDER, Howard A. **The Radical Wesley and Patterns for Church Renewal**. Downers Grove: InterVarsity, 1980.

THOMPSON, Marjorie J. **Soul Feast: An Invitation to the Christian Spiritual Life**. Louisville: Westminster John Knox, 1995.

TUNALA, Márcio. **Pequeno Grupo Multiplicador**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

WATSON, David Lowes. **Accountable Discipleship: Handbook for Covenant Discipleship Groups in the Congregation**. Nashville: Discipleship Resources, 1986.

WATSON, David Lowes. **The Early Methodist Class Meeting**. Nashville: Discipleship Resources, 1987.



WESLEY, John. **Cartas de João Wesley**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1952.

YOUNG, Doyle L. **New Life For Your Church**. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.